



Uma nova geração de pintores mostra quem sabe de instalações e performances vive arte contemporânea brasileira

Sem anos 90 e 2000 no Brasil foram marcados pela arte multimídia - fotos, vídeos, instalações e performances - e agora a pintura volta à tona e, depois de duas décadas no quase esquecimento, está mais uma vez sob os holofotes. Prova disso é o exército de jovens armados de pincéis e tubos de tinta que se tornou aposta de galerias e colecionadores.

É novidade das boas, sobretudo quando se sabe que, nos últimos 50 anos, a pintura brasileira conviveu com um fantasma: "Por aqui, as pessoas ainda estão arraigadas às revoluções de Oiticica e Lygia Clark, nossos artistas de maior peso no exterior, cujas obras negavam a pintura. Por isso, permanece até hoje a crença de que 'ser pintor' é algo transitório para um trabalho genial posterior com outras mídias. Mas não é bem assim", explica Paulo Pasta, professor da USP e mestre das tintas também.

Os jovens artistas de agora, ainda que bastante heterogêneos nas abordagens, tendem a seguir três caminhos estéticos. O primeiro grupo chama atenção pelas associações burlescas com um quê surrealista. Telas de Eduardo Berliner e Thiago Martins Melo são permeadas por imagens oníricas, perturbadoras. Berliner é mestre em transformar detalhes banais das ruas do Rio de Janeiro em dramaticidade, pintando figuras híbridas (mulher-cachorro, homem-cisne) à La Matthew Barney em versão a óleo. Cenas do cotidiano - em especial da periferia - e o espaço urbano também tornam-se estudos quase antropológicos (muitas vezes cômicos) sob os pincéis de Rodrigo Bivar, Daniel Lannes e Fábio Baroli. Lannes, por exemplo, levou o funk carioca para uma festa de Dom Pedro I e inspirou-se em um vídeo de um churrasco em Bangu para pintar seu Beijo Bandido - quadro que hoje pertence à coleção de Gilberto Chateaubriand e está exposto no MAM carioca até o dia 20 deste mês. Já Baroli expõe até o dia 12 na Galeria Laura Marsiaj, no Rio, a individual Domingo - série de cenas surrealistas aglutinando o fervor religioso ao tédio dos programas de TV dominicais. Impossível não sorrir, por exemplo, diante da pintura Lar Doce Lar - que o artista fez quando voltou a sua cidade natal, Uberaba (MG) -, em que um homem nu dá cambalhota em frente a uma mulher que almoça na varanda. "Gosto da dicotomia das imagens quando misturo triviais e reservadas de álbum de família à banalidade dos recortes que faço de sites pornográficos", explica o pintor.

O segundo grupo é formado por artistas que usam a fotografia como influência. Enquanto uns (Marina Rheingantz, Ana Sario e Rodrigo Bivar) pintam a partir de fotos despretensiosas ou vídeos do YouTube, inspirados pelos enquadramentos incompletos, pelas cenas

Artigo

Mídia: Revista
 Autor: Germano, Beta
 Edição: 405 / maio 2012
 Pagina: 182-183
 Fonte: Revista Vogue

FALA-SE DE ARTE

Tinta Fresca.

Uma nova geração de pintores mostra que nem só de instalações e performances vive arte contemporânea brasileira.

Se os anos 90 e 2000 no Brasil foram marcados pela arte multimídia - fotos, vídeos, instalações e performances -, agora a pintura volta à tona e, depois de duas décadas no quase esquecimento, está mais uma vez sob os holofotes. Prova disso é o exército de jovens armados de pincéis e tubos de tinta que se tornou aposta de galerias e colecionadores.

É novidade das boas, sobretudo quando se sabe que, nos últimos 50 anos, a pintura brasileira conviveu com um fantasma: "Por aqui, as pessoas ainda estão arraigadas às revoluções de Oiticica e Lygia Clark, nossos artistas de maior peso no exterior, cujas obras negavam a pintura. Por isso, permanece até hoje a crença de que 'ser pintor' é algo transitório para um trabalho genial posterior com outras mídias. Mas não é bem assim", explica Paulo Pasta, professor da USP e mestre das tintas também.

Os jovens artistas de agora, ainda que bastante heterogêneos nas abordagens, tendem a seguir três caminhos estéticos. O primeiro grupo chama atenção pelas associações burlescas com um quê surrealista. Telas de Eduardo Berliner e Thiago Martins Melo são

pinturas vigorosas e, muitas vezes, perturbados. Berliner é mestre em transformar detalhes banais das ruas do Rio de Janeiro em dramaticidade, pintando figuras híbridas (mulher-cachorro, homem-cisne) à La Matthew Barney em versão a óleo. Cenas do cotidiano - em especial da periferia - e o espaço urbano também tornam-se estudos quase antropológicos (muitas vezes cômicos) sob os pincéis de Rodrigo Bivar, Daniel Lannes e Fábio Baroli. Lannes, por exemplo, levou o funk carioca para uma festa de Dom Pedro I e inspirou-se em um vídeo de um churrasco em Bangu para pintar seu Beijo Bandido - quadro que hoje pertence à coleção de Gilberto Chateaubriand e está exposto no MAM carioca até o dia 20 deste mês. Já Baroli expõe até o dia 12 na Galeria Laura Marsiaj, no Rio, a individual Domingo - série de cenas surrealistas aglutinando o fervor religioso ao tédio dos programas de TV dominicais. Impossível não sorrir, por exemplo, diante da pintura Lar Doce Lar - que o artista fez quando voltou a sua cidade natal, Uberaba (MG) -, em que um homem nu dá cambalhota em frente a uma mulher que almoça na varanda. "Gosto da dicotomia das imagens quando misturo triviais e reservadas de álbum de família à banalidade dos recortes que faço de sites pornográficos", explica o pintor.

O segundo grupo é formado por artistas que usam a fotografia como influência. Enquanto uns (Marina Rheingantz, Ana Sario e Rodrigo Bivar) pintam a partir de fotos despretensiosas ou vídeos do YouTube, inspirados pelos enquadramentos incompletos, pelas cenas

instantâneas ou pela casualidade: outros (Regina Parra, Fábio Magalhães e Rafael Carneiro) desafiam o espectador a descobrir se está diante de uma foto ou de uma pintura. Ao mesmo tempo em que um hiper-realismo toma conta do trabalho de Fábio Magalhães (tecnicamente um dos mais virtuosos dessa geração), Rafael Carneiro e Regina Parra usam a pintura para questionar a fotografia digital e o que ela promove - como a invasão de privacidade, a banalidade dos registros e a (baixa) qualidade de imagens. Carneiro, por exemplo, ficou conhecido ao representar pixel à pixel cliques feitos pela NASA e, recentemente, começou a pintar fotogramas ampliados além do limite da definição.

Finalmente vem a terceira turma, a mais heterogênea e difícil de classificar das três. "Sua beleza está na sprezzatura, na aparente facilidade das pinceladas, e não apenas no fato de que essas pinceladas se parecem com as coisas" explica o crítico José Bento Ferreira ao comentar o trabalho de Lucas Arruda, Marina Rheingantz e Bruno Dunley. Apesar de cada um explorar temas próprios, a ideia principal é discutir os limites entre figura e abstração. Dunley e Rheingantz adotam a estratégia do "apagamento", usando a simplificação geométrica para representar paisagens e detalhes arquitetônicos em blocos espessos de tinta. Deformam espaços, brincam com a perspectiva, buscam uma planificação. Trocam as narrativas fortes pela plasticidade e acabam flertando com paisagens bucólicas e lugares abandonados. "Uso os tons esmaecidos como

se a pintura fosse feita em um dia cinza, pois as cores ficam mais reais nesses dias", explica Lucas Arruda, que tem explorado o limite entre céu e mar ou terra, criando uma atmosfera ambígua. Já Bruno Dunley retoma elementos da infância - cavalinho de pau, roda-gigante, lousa e carrossel. Renata de Bonis é da mesma trupe, mas no ano passado começou a inserir algumas figuras humanas angustiadas em suas telas, em referência à vida solitária da metrópole.

Independente e impossível de encaixar em qualquer um dos três grupos anteriores, Tiago Tebet sai pela tangente e, com forte influência dos minimalistas californianos da década de 70, se destaca retomando questões em trompel'oeil. Ana Elisa Igreja, outra alma livre, usa padrões de forma oposta: apropria-se de tecidos, papéis de parede e azulejos para mergulhar o espectador num mundo naturalista e, ao mesmo tempo, lúdico.

Quais destes novos nomes permanecerão relevantes ao se olhar para os anos 2010 daqui a cinco décadas é impossível dizer. Mas é fato que esta geração já fez história. Prova disso é o livro lançado no mês passado pela editora Cobogó, Pintura Brasileira Século 21, que aborda tanto a "velha guarda" da geração 80 - a última de pintores relevantes - quanto os chamados "jovens pintores" de hoje, que além de colecionar prêmios têm outra característica em comum: talento para dar (metaforicamente) e vender (de verdade)!